

GRUPO REFLEXIVO DE HOMENS: o que revelam os autores de violência contra a mulher, no Marajó Oriental.

¹ **Andréa Souza de Albuquerque**

² **Myrla Cristina Gomes Soares**

³ **Licio Coelho Andrade**

Resumo

Este estudo revela uma pesquisa realizada a partir de um projeto proposto pela equipe multidisciplinar do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, na Comarca de Soure, no Marajó Oriental, com o objetivo de analisar o perfil e as possíveis contribuições na voz dos homens, autores de violência contra a mulher, a partir dos temas dos encontros do Grupo Reflexivo de Homens. A metodologia partiu da aplicação de um questionário, de uma entrevista e da escuta a partir da técnica do grupo focal, com posterior análise dos encontros e das falas com 07 homens. O perfil é de um grupo formado por homens jovens ou de meia-idade, com baixa escolaridade, renda mínima, com interrupção da convivência com as vítimas, sendo a violência física o tipo predominante. Descrevem vivências marcadas por conflitos relacionais, violência doméstica, dependência emocional, desigualdade econômica e de gênero, reprodução de comportamentos aprendidos na infância e dificuldade de autorregulação emocional, o que evidencia uma carência de recursos psicoeducativos e de modelos saudáveis de masculinidade na região do Marajó.

Palavras-Chaves: Grupo Reflexivo de Homens; Violência Contra a Mulher; Machismo Estrutural.

¹Doutora em Educação Matemática. Mestre em Educação. Licenciada Plena em Pedagogia. Especialista em Gestão Escolar. Bacharel em Direito. Especialista em Direito do Trabalho. Especialista em Gestão Pública. Doutorado. Professora Colaboradora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA; vinculada ao Grupo de Pesquisa em Educação Básica Interdisciplinar da Amazônia Tocantina (GPEBIAT); e-mail: andasouza2014@gmail.com.

² Graduada em Serviço Social. Especialista em Gestão e Planejamento de Políticas Públicas em Serviço Social. Especialista em Saúde da Mulher e da Criança. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social da Saúde. Tem interesse nas temáticas de Direitos humanos, infância, adolescência, violência e saúde da mulher Especialista; e-mail: myrla.soares@tjpa.jus.br.

³ Graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília. Especialista em Psicopedagogia. Mestrando em Psicanálise pela Universidade de Buenos Aires. Especialista. Possui vínculo atual com Programa de Pós Graduação/IES na Universidade de Buenos Aires; e-mail: psicolicio@gmail.com

Introdução

Este estudo decorre do Projeto “Grupo Reflexivo de Autores de Violência Doméstica Familiar Contra a Mulher”, desenvolvido desde 2024, pela equipe multidisciplinar da Vara Única da Comarca de Soure (PA), no Marajó Oriental, composta pelos Analistas Judiciários, sendo uma assistente social, dois psicólogos e uma pedagoga, solicitado pela Magistrada da Comarca, para atender homens autores de violência doméstica e familiar contra a mulher, diante da necessidade do cumprimento da medida judicial prevista no art. 45 da Lei 11.340/2006 e no art. 152 da Lei 7.210/1984 (Lei de Execução Penal).

A Lei Maria da Penha tem como previsão da adoção de medidas punitivas em relação ao agressor, com vistas à prevenção, redução e interrupção do ciclo de violência, através da inclusão em grupos reflexivos com perspectiva de promover mudanças de atitudes e comportamento sobre a violência de gênero (art. 45 da Lei 11.340/2006).

Neste sentido o trabalho de grupo com homens autores de violência doméstica é reconhecido como um método eficaz para coibir, prevenir e reduzir a reincidência da violência doméstica contra a mulher; sendo está uma prática regularmente adotada em alguns Juizados do Poder Judiciário. Sua implantação encontra respaldo nos art. 27 e 45 da Lei 11.340/2006, correspondentes à atuação da equipe multidisciplinar e a adoção de “programas” de recuperação e reeducação do agressor, bem como na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.

Nesta perspectiva foi determinado pela magistrada da Comarca de Soure (PA) que fosse criado um Projeto a ser desenvolvido a partir dos seguintes princípios norteadores: responsabilização (aspecto legal, cultural e social); igualdade e respeito da diversidade (discussão sobre gênero); equidade (observância à garantia dos direitos universais); promoção e fortalecimento da cidadania (respeito aos direitos e deveres individuais e coletivos).

O Projeto elaborado pela equipe multidisciplinar do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, lotados na Comarca de Soure (PA) contempla ações educativas e preventivas que buscam coibir o problema em duas frentes – evitando que o agressor volte a cometer violências, em sentido mais imediato, e mudança de mentalidade, para resultados no médio e a longo prazo, partindo da premissa que o encarceramento do agressor, por si só, também não seria uma forma de conter a violência, os grupos reflexivos surgiram como uma alternativa para trabalhar a desigualdade de gênero.

O Modelo de Grupo Reflexivo era do tipo “Fechado”, pois não haveria inclusão de novos participantes após a primeira reunião do grupo. O número de participantes seria limitado a 15 (quinze) participantes. A previsão mínima seria de 04 encontros, com periodicidade mensal de duas horas cada encontro, cuja tolerância de faltas seria apenas uma, com recomendação de reposição

Este estudo surgiu a partir da indagação dos pesquisadores sobre: Qual o perfil e o que revelam os homens autores de violência contra as mulheres nos

encontros do 1º Grupo Reflexivo de Homens, proposto pela Equipe Multidisciplinar do Tribunal de Justiça do Pará, na Comarca de Soure, no Marajó Oriental?

E, como Objetivo Geral: Analisar o perfil e as possíveis contribuições sentidas por homens, autores de violência contra a mulher, a partir dos temas dos encontros do Grupo Reflexivo de Homens, proposto pela equipe multidisciplinar do TJPA, na Comarca de Soure.

Objetivos específicos: Realizar o levantamento do perfil dos autores de violência contra a mulher, na comarca de Soure a fim de compreender quem são esses sujeitos;

Identificar, a partir da fala destes sujeitos, as possíveis contribuições para sua vida, na proposta dos temas dos encontros vivenciados no Grupo Reflexivo de Homens, do TJPA da comarca de Soure, pela equipe multidisciplinar.

Este trabalho buscou refletir sobre essas falas, interpretando-as à luz de referenciais teóricos como Pierre Bourdieu (1999), R. W. Connell (1995), bell hooks (2004) e Heleieth Saffioti (2001), que abordam o gênero como uma construção social e relacional.

Na metodologia foi utilizada a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011), para tratar os dados obtidos por meio da observação da participação nos encontros, da aplicação de um questionário, de uma entrevista e da utilização da metodologia do Grupo Focal, realizada com os sete homens que participaram dos encontros. Essa técnica permite a compreensão de significados, pois percorre-se as etapas de forma organizada e reflexiva, sendo: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. Assim, foi possível identificar como tais valores são internalizados e, ao mesmo tempo, questionados por eles.

O Perfil dos participantes do Grupo Reflexivo de Homens, em Soure, no Marajó Oriental.

Inicialmente foi realizada uma entrevista preliminar com técnico da equipe buscando conhecer o perfil dos homens que participariam dos encontros e explicar-lhes os objetivos propostos, com assinatura do Termo de Compromisso. O quadro 1 mostra o resultado do perfil destes homens.

Quadro 1: Perfil dos Homens Participantes do Grupo Reflexivo

IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO/ EMPREGO	RENDA	ESTADO CIVIL	TIPO DE VIOLÊNCIA	CONVIVÊNCIA COM A VÍTIMA
51 ANOS	ENS. FUND. INC.	MARCENEIRO	1 SALÁRIO	UNIÃO ESTÁVEL	AMEAÇA	NÃO TEM MAIS
21 ANOS	ENS. FUND. INC.	MECÂNICO	SEM RENDA	SOLTEIRO	LESÃO CORPORAL	NÃO TEM MAIS
30 ANOS	ENSINO MÉDIO	MONTADOR	1 SALÁRIO	UNIÃO ESTÁVEL	LESÃO CORPORAL	NÃO TEM MAIS
19 ANOS	ENS. FUND. INC.	ENTREGADOR	1 SALÁRIO	UNIÃO ESTÁVEL	LESÃO CORPORAL	NÃO TEM MAIS
28 ANOS	ENSINO FUND.	CATADOR DE CARANGUEJO	R\$ 300,00 REAIS	CASADO	LESÃO CORPORAL	CONTINUA
23 ANOS	ENS. FUND. INC.	SEGURANÇA	SEM RENDA	CASADO	LESÃO CORPORAL	CONTINUA
37 ANOS	ENSINO MÉDIO	FUNC. PÚBLIC	1 SALÁRIO	UNIÃO ESTÁVEL	AMEAÇA DESC. MEDIDA	NÃO TEM MAIS

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

O grupo é composto por sete homens, com idades variando entre 19 e 51 anos, revelando que a violência doméstica é um fenômeno que atravessa diferentes faixas etárias, desde jovens adultos até homens maduros.

Em relação à escolaridade, observa-se uma predominância do ensino fundamental incompleto, presente em quatro dos casos, enquanto dois participantes concluíram o ensino médio e apenas um tem o ensino fundamental completo. Esse dado evidencia baixo nível de escolarização, o que pode estar relacionado a menores oportunidades de inserção profissional e social.

Quanto à atividade laboral e renda, há diversidade de ocupações: marceneiro, mecânico, montador, entregador, catador de caranguejo, segurança e funcionário público. As rendas declaradas variam entre R\$ 300,00 e um salário mínimo, havendo ainda dois homens sem renda no momento da entrevista. Tal cenário demonstra condições socioeconômicas limitadas e instabilidade financeira.

No aspecto familiar, cinco homens estavam em união estável ou casados e dois eram solteiros, o que confirma que a maioria mantinha vínculos conjugais consolidados no momento da ocorrência dos fatos.

Quanto ao tipo de violência praticada, predominam os casos de lesão corporal, registrados em cinco participantes, e ameaça em dois. Isso indica que o grupo é majoritariamente formado por autores de violência física, com menor incidência de violência psicológica.

No tocante à convivência com a vítima, observa-se que em cinco casos a relação conjugal foi rompida, enquanto em dois a convivência ainda persiste, mesmo após o episódio de violência. Tal informação sugere que, embora algumas vítimas consigam se afastar, parte delas ainda permanece na relação, o que reforça a necessidade de acompanhamento e proteção contínua.

O perfil revela um grupo formado, em sua maioria, por homens jovens ou de meia-idade, com baixa escolaridade, renda limitada, e histórico de relacionamentos estáveis no contexto em que a violência ocorreu. A violência física é o tipo predominante, e a interrupção da convivência com as vítimas demonstra diferentes estágios no enfrentamento e superação da situação de violência.

Possíveis contribuições sentidas a partir dos temas dos encontros do Grupo Reflexivo de Homens.

Durante os encontros os temas abordados foram: a Lei 11.340/2006; Tipos de violência contra a mulher, contextualizada como um fenômeno mais amplo e as diversas causas associadas a ela: aspectos sociais, culturais, religiosos, problemas de desemprego, desorganização do espaço urbano, etc.; Relações familiares; Aspectos emocionais e afetivos de uma relação à dois (ciúmes, traição, confiança).

O Grupo Reflexivo de Homens ao abordar estes temas buscou discutir masculinidades, responsabilidade e a desconstrução de comportamentos violentos, especialmente para homens envolvidos em violência doméstica e familiar, na Comarca de Soure, a fim de promover uma reflexão crítica sobre padrões de gênero, incentivar a responsabilização pelos atos e prevenir a reincidência de violência, oferecendo novas perspectivas sobre relacionamentos e conflitos

Após a realização dos 04 encontros, com duração de 2 horas cada, foi realizada uma atividade de avaliação dos encontros, com avaliação pelos sujeitos, a partir da técnica do Grupo Focal, com base no posicionamento deles nas frases propostas: “Ciúme é demonstração de amor”; “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”; “É da natureza do homem ser violento”. Os sujeitos foram identificados por números de 1 a 7, para preservar sua identidade.

A análise das falas dos entrevistados evidencia reflexões diversas sobre a perpetuação do machismo estrutural e suas implicações nas relações afetivas, familiares e sociais. Os discursos revelam um reconhecimento crescente das consequências do machismo nas relações afetivas e sociais, e apontam tanto para a naturalização de comportamentos violentos quanto tentativas de autocrítica e desconstrução de padrões herdados da cultura patriarcal. Na frase: “Ciúme é demonstração de amor”, um dos aspectos mais recorrentes foi a associação entre ciúme, controle e violência, como demonstrado em trechos onde os sujeitos relacionam o sentimento de posse ao amor:

“O ciúme é um sentimento... mas não necessariamente para demonstrar que eu amo, que eu vou te proibir.” (Suj. 2)

“O ciúme é um sentimento que pertence a todos nós... o problema não é o ciúme em si, é o que ele te leva a fazer.” (Suj. 5)

“O ciúme não é demonstração de amor, não é proibir.” (Suj. 1)

Essas falas evidenciam o processo de naturalização da posse masculina, que Bourdieu (1999) define como forma de dominação simbólica: práticas e crenças que, mesmo não sendo impostas pela força física, reproduzem desigualdades de gênero. A ideia de que o amor justifica a vigilância e o controle sobre a mulher reflete o modo como o machismo se perpetua na vida cotidiana.

Na frase: “*A violência doméstica é causada apenas por problemas com o álcool, drogas ou doenças mentais*”, alguns participantes associam a violência doméstica ao ciúme e à dependência financeira, reconhecendo que o domínio econômico masculino como fator de manutenção de relações violentas, como forma de controle e submissão da mulher na relação:

“O homem quando ele tem o controle financeiro que a mulher não tem, infelizmente ele se torna desse jeito, começa a ter um certo domínio sobre a mulher... ela acaba dependendo daquele dinheiro ali.” (Suj. 2)

“Ela fica presa naquele laço, depende do dinheiro, não por ela, mas pelos filhos. Muitas vezes ela não pensa só nela, pensa nos filhos, o que vão comer.” (Sujeito 6)

Esse relato confirma que a violência de gênero não se restringe à dimensão física, nem está associada apenas ao uso de álcool ou drogas, mas envolve também o controle econômico e emocional. Para Saffioti (2001), a violência doméstica é uma forma de manter o poder patriarcal, sustentada por desigualdades materiais e simbólicas. Assim, o machismo estrutural se manifesta como uma rede de opressões interligadas — econômicas, emocionais e culturais. Segundo Pierre Bourdieu (1999), ao discutir a dominação masculina, destaca como o poder simbólico e econômico naturaliza hierarquias entre os gêneros, transformando desigualdades sociais em disposições aparentemente “naturais”.

Ao mesmo tempo, emergem nas falas indícios de reflexão e desconstrução de padrões masculinos tradicionais, com a compreensão de que o machismo é aprendido e transmitido intergeracionalmente, sendo possível, contudo, romper o ciclo, como se observa na afirmação:

“Posso dizer não! Quero mudar, não quero agir dessa forma, não quero tratar minha esposa como meu pai tratava minha mãe.”(Suj.7)

“Fui vítima da agressão do meu pai... isso ficou dentro de mim.” (Suj. 5)

“Temos o poder da escolha de ser ou não igual ao pai.” (Suj. 4)

Essa autocrítica traduz um movimento de reconhecimento e ruptura, conforme defendem bell hooks (2004) e Connell (1995). Para as autoras, a transformação das relações de gênero depende da consciência crítica sobre as práticas herdadas e da reconstrução de novas masculinidades, baseadas no respeito, na empatia e na igualdade, a partir de uma educação crítica e da conscientização emocional. O sujeito, ao identificar-se com o modelo violento do pai e decidir agir de modo diferente, simboliza a possibilidade de quebrar o ciclo do machismo.

Já quando analisaram a frase: “É da natureza do homem ser violento”, os sujeitos também problematizam a relação entre masculinidade e violência. As falas

abordam as emoções e os impulsos masculinos, destacando que o homem é socializado a reprimir emoções e a responder com agressividade diante de frustrações, destacando o conflito entre raiva, arrependimento e controle:

“A gente, homem, parece que tem aquela sensação de raiva, o mundo às vezes é incontrolável, mas depois vem o arrependimento, que poderia ter vindo antes.” (Suj. 6)

“A mulher pensa antes de agir, evita o conflito.” (Suj. 2)

Essa percepção se aproxima da crítica de Connell (1995) à masculinidade hegemônica, que se sustenta por meio de práticas de dominação que validam a força, o domínio, a agressividade, a autoridade e o controle como atributos masculinos, reprimindo a empatia e a vulnerabilidade. O homem é socializado para reprimir sentimentos e reagir com violência, o que reforça o papel do machismo como uma prisão emocional, tanto para as mulheres quanto para os próprios homens. As falas refletem justamente o conflito entre o modelo tradicional e novas formas de ser homem, mais conscientes e responsáveis emocionalmente.

Por outro lado, as mulheres são descritas como mais racionais e controladas, capazes de evitar o conflito ou se afastar da agressão, pois *“pensam antes de agir”*. Embora esse discurso ainda carregue traços de essencialização de gênero, ele revela uma percepção de diferença no modo como homens e mulheres são socializados a lidar com as emoções — um reflexo da estrutura patriarcal que atribui ao homem o poder e à mulher a prudência.

Essa diferença de postura foi interpretada pelos participantes como uma forma de maturidade emocional, o que reforça a necessidade de reeducação das emoções masculinas, conforme propõe Saffioti (2001), ao discutir a violência de gênero como produto da socialização desigual entre homens e mulheres.

A reflexão coletiva dos sujeitos aponta, finalmente, para a importância da responsabilidade e da mudança pessoal:

“Assumir a responsabilidade de mudar... é olhar pra isso e se indignar.” (Suj.7)

“Para que o meu filho e minha família me olhem de outra forma.” (Suj. 1)

“A gente está tentando quebrar esse ciclo.” (Suj. 3)

Esse reconhecimento traduz a possibilidade de superação do machismo estrutural por meio da conscientização crítica, do diálogo e da educação emocional, reafirmando a perspectiva de hooks (2004) de que o feminismo não é uma luta contra os homens, mas contra o sistema que oprime ambos os gêneros.

As falas revelam um processo de reflexão coletiva sobre o machismo estrutural, em que os participantes oscilam entre reproduzir crenças tradicionais e reconhecer a necessidade de mudança. Há um esforço de compreensão das origens familiares e sociais da violência, uma crescente percepção sobre a

responsabilidade masculina e a busca por novas formas de masculinidade, baseadas no respeito e na empatia.

O machismo estrutural constitui um fenômeno social profundamente enraizado na cultura brasileira, manifestando-se nas práticas cotidianas, nas relações familiares e nas formas de socialização entre homens e mulheres. Ele se sustenta em estruturas históricas de poder e desigualdade que naturalizam a dominação masculina e a subordinação feminina.

Ao final foi solicitado aos sujeitos que avaliassem os temas dos encontros, os temas tratados e quais as possíveis contribuições em suas vidas, os sujeitos se posicionaram de forma muito positiva, expressando reconhecimento da importância da discussão desses temas, e relataram que o que estava sendo tratado era completamente novo para eles; que precisavam rever suas atitudes frente aos relacionamentos; falaram da dificuldade em expressar seus sentimentos frente as pessoas que convivem, como palavras de carinho ou atitudes de afeto, e estavam revendo isso. Apontaram ainda que deveria existir esse tipo de reunião com os homens, com os jovens nas escolas, antes de responderem a um processo.

Conclusão

O perfil revela um grupo formado por homens jovens ou de meia-idade, com baixa escolaridade, renda mínima, com interrupção da convivência com as vítimas, sendo a violência física o tipo predominante.

A análise das entrevistas permite compreender que o machismo estrutural não é apenas uma questão de comportamento individual, mas um fenômeno cultural e histórico, reproduzido por meio da linguagem, da educação e das relações familiares. As falas dos sujeitos revelam tanto a persistência de crenças patriarcais quanto o surgimento de uma consciência transformadora.

A partir do momento em que os homens reconhecem a influência das estruturas machistas em suas atitudes e se responsabilizam por transformá-las, abre-se espaço para a construção de novas formas de masculinidade e de convivência igualitária. Assim, o diálogo sobre gênero, emoções e poder se torna um instrumento de libertação, capaz de romper o ciclo de violência e promover uma sociedade mais justa e equitativa.

A mudança pessoal e a quebra de ciclos negativos são possíveis e dependem da reflexão, da indignação e da escolha consciente de agir de forma diferente. A violência não é inerente a nenhum gênero, mas sim resultado de uma combinação complexa de fatores internos e externos. É fundamental questionar e desafiar normas sociais prejudiciais, como o machismo, e buscar relacionamentos saudáveis baseados no respeito e na igualdade. A conscientização e a responsabilização são passos essenciais para prevenir a violência.

Os autores de violência doméstica contra a mulher avaliaram os encontros como positivos pois o que estava sendo tratado era completamente novo para eles;

que precisavam rever suas atitudes frente aos relacionamentos; das dificuldades em expressar seus sentimentos frente as pessoas que convivem, como palavras de carinho ou atitudes de afeto, e estavam revendo isso. Revelaram ainda que deveria existir esse tipo de reunião com os homens antes de responderem a um processo.

Os participantes compartilham experiências pessoais e coletivas que revelam vivências marcadas por conflitos relacionais, violência doméstica, dependência emocional, desigualdade econômica e de gênero. No decorrer dos encontros há relatos de vivências que envolvem sofrimento emocional, reprodução de comportamentos aprendidos na infância e dificuldade de autorregulação emocional, sobretudo entre os homens, o que evidencia uma carência de recursos psicoeducativos e de modelos saudáveis de masculinidade.

Os relatos apontam também aspectos relacionados a cultura da região do Marajó que apesar da beleza natural ímpar e por suas ricas tradições culturais, também apresenta inúmeros desafios sociais e econômicos. Além da pobreza e da carência de direitos básicos, como saúde, educação, energia elétrica, serviços de saneamento, é uma região conhecida por vários casos de violação dos direitos da mulher, mas que apresenta também profissionais/instituições interessados em combater essa violência.

Referências

BRASIL. **Lei n. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 26/10/2025.

BRASIL. **Lei nº 7.210**, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 26/10/2025.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARÁ. **Projeto “Grupo Reflexivo de Autores de Violência Doméstica Familiar Contra a Mulher”**. Desenvolvido pela equipe multidisciplinar da Vara Única da Comarca de Soure (PA), Marajó Oriental, desde 2024. Soure: TJPA, 2024—. Projeto institucional.